

Problemas de Historiografia Helenística

**Breno Battistin Sebastiani,
Fernando Rodrigues Jr.,
Bárbara da Costa e Silva (coords.)**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

INVENTIO E DISPOSITIO NO DEBATE SENATORIAL DE *BELLUM CATILINAE* 50. 4-52, DE SALÚSTIO
(*Inventio* and *dispositio* in the senatorial debate of Sallust's *Bellum Catilinae* 50. 4-52)

ADRIANO SCATOLIN

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP)

<https://orcid.org/0000-0003-0056-9187>

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o debate senatorial apresentado em *Bellum Catilinae* 50. 4-52 de uma perspectiva retórica, mais especificamente, dos pontos de vista da *inuentio* e da *dispositio*. Para tal, confronta-se o relato salustiano com as demais fontes antigas do debate e investigam-se os critérios internos da monografia que justificam suas diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Salústio; *Bellum Catilinae*; debate senatorial; *inventio*; *dispositio*

ABSTRACT: This paper analyses the senatorial debate of Sallust's *Bellum Catilinae* 50. 4-52 from a rhetorical perspective, more specifically from the points of view of *inuentio* and *dispositio*. In order to do so, I confront the Sallustian exposition with the remaining ancient sources for the debate and investigate the internal criteria adopted in the monograph that explain the disparities between them.

KEYWORDS: Sallust; *Bellum Catilinae*; senatorial debate; *inventio*; *dispositio*

INVENTIO E DISPOSITIO NO DEBATE SENATORIAL DE *BELLUM CATILINAE* 50. 4-52, DE SALÚSTIO

I — Introdução

O debate senatorial ocorrido no Templo da Concórdia, em 5 de dezembro de 63 a.C., no qual o Senado votou pela pena de morte contra cinco dos líderes da conjuração de Catilina que haviam sido capturados com provas incriminadoras, é um dos momento culminantes do *Bellum Catilinae* de Salústio². Em sua apresentação, o historiador optou por ater-se ao absolutamente essencial: o

¹ O autor agradece os organizadores da *Jornada de historiografia helenística: novas abordagens teórico-metodológicas* (FFLCH/USP, 2016), Breno Battistin Sebastiani, Fernando Rodrigues Júnior e Bárbara da Costa e Silva, pelo convite para a palestra que deu origem a este artigo, e Ana Christina Montenegro, Isabella Tardin Cardoso e Lydia Marina Barbosa pela ajuda na compilação do material bibliográfico. As datas são a.C., salvo observação em contrário.

² Sall. *Cat.* 50-53. Os conjurados são enumerados em 46. 3: Públio Cornélio Léntulo Sura, Gaio Cornélio Cetego, Lúcio Estátílio, Públio Gabínio Capitão e Marco Cepário. Sobre a sequência de eventos que levou à captura e ao julgamento apenas dos cinco, cf. March 1989.

confronto oratório, por meio da apresentação de discursos³, das duas principais posições tomadas pelos senadores naquela sessão, a dizer, a de César, que aconselhava que os conjurados fossem mantidos sob custódia em diferentes cidades da Itália, que seus bens fossem confiscados e que quem quer que tentasse submeter a questão ao Senado ou ao povo romano fosse considerado inimigo público⁴; e a de Catão, que aconselhava a pena de morte aos conjurados, como se tivessem sido capturados em delito flagrante⁵. Este artigo tem por objetivo apontar as diferenças, no que concerne à *inventio* e à *dispositio*, entre a apresentação do debate feita por Salústio e a das demais fontes antigas que abordaram a sessão senatorial de 5 de dezembro⁶.

II — Mapeamento dos autores⁷

Oito são os autores antigos a abordar o tema: um orador (Cícero, que aborda o tema na *Catilinária* 4, na *Defesa de Séstio* e, em contexto privado, em carta a Ático), quatro historiadores (além do próprio Salústio, Veleio Patérculo, em latim, e Apiano e Dião Cássio, em grego), dois biógrafos (Plutarco, em três versões complementares, espalhadas pelas *Vidas de Cícero, César e Catão*, e Suetônio, na *Vida de César*) e um epitomista (Floro), num arco de quase 300 anos, de 63 a.C. a 214 d.C., se adotarmos a data mais tardia possível postulada para Floro⁸. Dos oito, dois, pela brevidade e concisão de suas apresentações, não são relevantes

³ Sobre a importância do discurso direto na monografia, cf. Miller 1975: 47: “[...] the *Catiline* is fundamentally about politics, not war; it records a movement initiated by talk and debated by senators; it describes a conspiracy whose natural lines of communication are conversations and messages; and it presents a crisis, with concomitant concentration and drama. Hence more speech in bulk, and more direct speech in proportion.”

⁴ Sall. *Cat.* 51. 43.

⁵ Sall. *Cat.* 52. 36.

⁶ Discordamos da abordagem apenas histórica de Hardy 1917: 212: “The general agreement of this evidence is very remarkable, and the few differences of detail quite insignificant.” Tentaremos mostrar que as diferenças são importantíssimas do ponto de vista retórico-literário.

⁷ Servimo-nos do repertório elencado por Drexler 1976: 170 ss.

⁸ A cronologia, por vezes incerta, é: Cic. *Cat.* 4 — proferida em 5 de dezembro de 63 e publicada (talvez) apenas em 60; *Sest.* — proferido em março de 56; *Att.* 12. 21 — enviada em 17 de março de 45; Sall. *Cat.* — publicação entre 44 e 34; Vell. — datação incerta; Yardley & Barret 2011: xxiv postulam a primeira metade de 30 d.C. como data da publicação; Plutarco (45-120 d.C.) escreveu a biografia de Demóstenes, apresentada em paralelo com a de Cícero, na velhice (Plut. *Dem.* 2; *apud* Lintott 2013: 2); a *Vida de Cícero* foi a primeira das três aqui analisadas a ser escrita; Suetônio — publicação das *Vida dos doze Césares* por volta de 120 d.C. (cf. Martinet 1997: 1199); Apiano — teria morrido por volta de 163-165, segundo Gabba & Magnino 2001: 10; Dião Cássio — datação controversa, certamente depois de 211, segundo Hose 1994: 424-427; Floro — segundo Jal 2002 [1967]: LXXXVII, o intervalo em que a obra teria sido escrito é de 137-214 d.C.;

para nossa comparação, Dião Cássio⁹ e Floro¹⁰.

III — A quarta Catilinária de Cícero

A quarta Catilinária é o discurso proferido por Cícero na sessão senatorial que decidiu o destino dos cinco conspiradores capturados¹¹. Quando Cícero intervém pela segunda vez no debate (*Cat.* 4. 7 ss.), César já deu seu parecer, mas Catão ainda não. A importância crucial da quarta *Catilinária* para a nossa comparação reside no fato de que Cícero comenta o teor das proposta de Décimo Silano, então um dos cônsules designados, que abriu o debate pedindo a pena máxima, e de Júlio César, que discursava então como pretor designado¹². Igualmente fundamental, a descrição que Cícero faz da mesma pena apresenta algumas diferenças em relação ao discurso de César em Salústio.

Em *Cat.* 7, Cícero aponta que há duas propostas até aquele momento: Silano propõe a pena de morte, enquanto César elimina a pena capital, mas mantém todas as *acerbitates* das demais penas, ou seja, todos os seus rigores, durezas, sofrimentos, suplícios. Afirma também que ambos, tanto Silano, cônsul designado, como César, pretor designado, fazem propostas “de extrema severidade”, *in summa severitate versatur*. Cícero faz ainda um apanhado dos argumentos de teor filosófico empregados por César a respeito da morte não como um castigo, mas como uma necessidade da natureza ou um descanso, bastante próximos do que vemos em Salústio¹³. Mas as qualificações e a leitura

⁹ D.C. 37. 35. 4-36. 3. Conforme apontam Lachenaud & Coudry 2014: 169, n. 242: “[...] Dion donne une version très ramassée [sc. de la séance du 5 décembre], sans entrer dans les péripéties de la délibération, qui fut mouvementée [...], ni détailler les arguments des principaux protagonistes, César et Caton [...]” Dião detalha apenas o teor da pena sugerida por César, em 37. 36. 1-2: prisão perpétua dos conjurados, sua distribuição pelos municípios, impossibilidade de se deliberar futuramente sobre sua anistia, considerar inimigo o município que permitisse sua fuga.

¹⁰ Flor. *Epit.* 2. 12. 10: “Quanto aos que deliberavam sobre a pena [sc. dos conjurados sob custódia], César sustentava que deveriam poupá-los por seu status, Catão, que era preciso castigá-los.”

¹¹ A quarta catilinária é uma insólita justaposição de *pelo menos* dois momentos da sessão senatorial de 5 de dezembro: em *Cat.* 4. 1-6, temos a abertura do debate pelo cônsul Cícero; em 4. 7-24, temos a intervenção do orador depois do discurso de César. Cf. Dyck 2008: 208, para a ideia de que há vários momentos da sessão retratados no discurso; Lintott 2013: 161, *ad Plut. Cic.* 21. 2-3 (citado abaixo, n. 39) aventa a possibilidade de a segunda parte não ter sido efetivamente proferida.

¹² *Cic. Cat.* 4. 7; 10. Antes de César, discursaram, segundo Cícero (*Att.* 12. 21. 1): os cônsules designados, Silano e Murena (citados fora de ordem, depois dos consulares, quase como um *afterthought*), e os consulares Cátulo, Servílio, os Luculos, Curião, Torquato, Lépido, Gélvio, Vulcácio, Fígulo, Cota, Lúcio César, Gaio Pisão e Mânlio Glabrião. Segundo Shackleton Bailey 1966: 317 *ad locum*, a lista é provavelmente completa, embora o comentador não apresente argumentos para tal asserção. Se estiver certo, porém, fica decidida a questão sobre o discurso de Tibério Nero, que teria discursado *depois* de César, não antes, como sustentam alguns estudiosos.

¹³ Sall. *Cat.* 51. 20.

que Cícero faz deles é que são o grande diferencial. Para o Arpinate, há *iniquitas* (“injustiça”, “iniquidade”) ou, no mínimo, *difficultas* (“dificuldade”), na proposta de César de prisão perpétua para os conjurados¹⁴ e de sua distribuição por vários municípios da Itália: injustiça se o Senado obrigar os municípios a tal; dificuldade, se o Senado lhes pedir que o façam. Ademais, qualifica de *horribilis*, “terríveis”, “pesadas”, as guardas que se encarregarão dos prisioneiros, e, mais forte ainda, afirma que César tira dos conjurados até a esperança, *spes*, único consolo dos desgraçados.

Um outro ponto importante da caracterização que Cícero faz de César e sua proposta aparece mais adiante no discurso, em *Cat.* 4. 10: Cícero, ironicamente, qualifica César como *homo mitissimus atque lenissimus*, “homem de extrema mansidão e brandura”, apontando ao mesmo tempo os muitos rigores que propõe: as trevas eternas da prisão, a confiscação dos bens, a consequente pobreza e mendicância. Essa ironia é importante para o confronto com Salústio.

A caracterização da proposta de César como severa e rigorosa, como veremos, aparece apenas em Cícero. Podemos explicar essa idiosincrasia, no contexto da publicação do discurso¹⁵, em 60 a.C., como fazendo parte da estratégia maior de Cícero de rebater as acusações de crueldade e tirania que vinha sofrendo desde a execução dos cinco conspiradores¹⁶. Assim, a apresentação da proposta de César como severa e rigorosa é complementada, mais adiante no discurso, com a reconfiguração do rigor e severidade de Cícero como humanidade

¹⁴ Hardy 1917: 215 considera a menção à perpetuidade da prisão como um exagero retórico ridículo da parte de Cícero: “Cicero’s contention that Caesar was proposing a sentence of perpetual imprisonment is ridiculous. [...] It is strange that a theory of life-long imprisonment, nowhere else even hinted at, should have grown up out of Cicero’s obviously rhetorical phrases *aeternis tenebris* and *sempiterna vincula*.” Comentando Sall. *Cat.* 51. 43, McGushin 1977: 256 e Ramsey 2007: 204 são menos taxativos, pesando as duas possibilidades e deixando a leitura do passo em aberto; Vretska 1976: 561-563 opta pela validade histórica da proposta de César, mesmo que esta se depreenda apenas indiretamente das palavras de Salústio.

¹⁵ Cic. *Att.* 2. 1. 3. Trata-se de um corpus de 12 discursos proferidos em 63, ano do consulado de Cícero, dos quais as *Catilinárias* são os quatro últimos. Cape, Jr. 2002 é o tratamento fundamental do assunto.

¹⁶ Plut. *Cic.* 23 apresenta o ambiente tenso e dividido em Roma, após o debate e a posse dos novos tribunos, que ocorria no dia 10 de dezembro. Veja-se particularmente 21. 1-3: “No entanto, havia também quem estivesse disposto a dizer mal da actuação de Cícero e de prejudicá-lo. Esses tinham por líderes, dentre os futuros magistrados, César, que ia ser pretor, e os tribunos da plebe Metelo e Béstia. Tendo tomado posse quando já só restavam a Cícero poucos dias como cônsul, não o deixavam falar ao povo, e colocavam bancos nos rostros para o impedirem de passar e de falar, dando-lhe apenas permissão para, caso o desejasse, prestar o juramento habitual de quem abandona o cargo e descer logo dos rostros. Cícero avançou, então, para fazer o juramento nestas condições. Todavia, quando obteve o silêncio, não prestou o juramento tradicional mas um pessoal e novo, em que afirmava ter salvado a pátria e mantido o império. E todo o povo repetiu o juramento depois dele.” Tradução de Várzeas 2010: 134-135, ligeiramente modificada. Cf. ainda Cic. *Fam.* 5. 2. 6-7; *Pis.* 6-7; *Asc. in Pis.* 6. Refs. em Lintott 2013: 162 *ad loc.*

e compaixão — mas humanidade e compaixão em relação às potenciais vítimas dos conspiradores, bem entendido, em caso de sucesso da conjuração, não em relação aos prisioneiros¹⁷.

IV — A Defesa de Séstio

Na Defesa de Séstio, Cícero refere-se apenas ao discurso de Catão, dentro de um contexto fortemente elogioso de sua conduta e de sua postura política ao longo dos anos. Em *Sest.* 61, afirma que Catão colocou sua vida em jogo com seu discurso na sessão de 5 de dezembro, por conta da invidia em que ocorreria, e descreve seu discurso como veemente e sua atuação como enérgica. Ademais, o que não é sem importância para o confronto com a carta do próprio Cícero, na próxima seção, ou para o entendimento da escolha, por parte de Salústio, de César e Catão como os dois principais antagonistas do debate senatorial, o Arpinate dá a entender que o protagonismo naquele posicionamento pela pena de morte foi de Catão, não seu, ao dizer, deste, que “foi líder, defensor, promotor daquelas ações”¹⁸.

V — Cícero e o *Catão de Bruto: Att. 12. 21. 1*

A caracterização da proposta de César como severa, que observamos na *Catilinária* 4, foi mantida por Cícero mesmo 15 anos depois, em 45, portanto, em contexto bastante diverso: uma carta privada, evidentemente não escrita para publicação, a seu amigo Ático¹⁹. Nessa carta, Cícero escreve acerca do Catão de Bruto, obra que não chegou até nós, um louvor composto pelo cesaricida a seu tio, que se suicidara no ano anterior em Útica para não ter de se curvar a Júlio César, vencedor da guerra civil contra Pompeu e os demais republicanos. Mais particularmente, Cícero critica o passo do Catão de Bruto que tratava justamente da sessão senatorial que nos interessa aqui. Cícero mostra-se irritado por dois motivos: pelos erros históricos cometidos por Bruto e pelo fato de este ter dado pouco relevo à participação do Arpinate no episódio. A carta é de escrita por vezes telegráfica, o que dificulta a interpretação das observações feitas. No

¹⁷ Cic. *Cat.* 4. 11-12. Salústio, no discurso de Catão, também faz uso dessa ideia de misericórdia mal direcionada (cf. *Cat.* 52. 11; 26-27; 32-33). Drummond 1995: 43 questiona o caráter histórico do relato ciceroniano: “Nowhere is it stated that Caesar made these points in his speech: most of this exposition is explicitly given in Cicero’s own person. Even the opening statement on the nature of death is vaguely described as a truth which Caesar ‘realises’ and it is in fact an argument that Cicero himself deploys elsewhere in his speeches. Similarly, when Cicero reverts to the theme at the end of section 9, he again speaks in his own person. Thus this whole explanation of Caesar’s motion may be a creative (and interested) reconstruction by Cicero; it need not (and given Cicero’s evasive *intellegit* probably does not) correspond to anything that Caesar actually said.”

¹⁸ Cic. *Sest.* 61.

¹⁹ Cic. *Att.* 12. 21. 1.

entanto, é possível ressaltar alguns pontos: 1) a oratio de César é qualificada como severa, ou seja, “severa”, “rigorosa”, “dura”, tal como na quarta *Catilinária*, publicada 15 anos antes; 2) para descrever o discurso de Catão, em comparação com os dos outros, que também haviam sugerido a pena capital, e explicar o seu sucesso, Cícero diz: *verbis luculentioribus et pluribus rem eandem comprehenderit*, “abordara o mesmo tema com uma formulação mais esplêndida e copiosa”; e 3) Cícero, possivelmente de maneira tendenciosa²⁰, afirma que o motivo de o Senado ter adotado o parecer de Catão foi porque este elogiara fortemente o fato de o Arpinate ter revelado a conjuração, ter exortado os senadores ao voto e ter ele mesmo dado seu parecer antes de submeter a questão aos senadores: *quae omnia quia Cato laudibus extulerat in caelum perscribendaque censuerat, idcirco in eius sententiam est facta discessio*, “foi por Catão, com seus elogios, ter elevado aos céus todas essas ações e ter recomendado sua transcrição completa que se votou a sua proposta!”

VI — O debate em Veleio Patérculo

A apresentação que o historiador Veleio Patérculo faz do debate, em 2. 35. 3-4, confere preponderância aos papéis de Catão e Cícero, em detrimento da figura de César, cujo nome não é citado e cuja participação fica restrita a um indefinido *alii*, “outros” (2. 35. 3). Depois de uma caracterização extremamente elogiosa do caráter de Catão (2. 35. 1-2), o historiador define as 4 linhas adotadas pelo orador em seu discurso pela pena capital dos conjurados: 1) um ataque violento à conjuração; 2) de maneira inflamada (*ardore oris*), Catão teria levantado suspeitas de envolvimento na trama contra todos aqueles que propunham brandura [sc. para com os conjurados] (*omnium lenitatem suadentium*); 3) a exposição dos riscos de destruição e incêndio na cidade e a mudança da situação política; e 4) a exaltação da virtus do cônsul Cícero. Em Veleio Patérculo, o elogio às atitudes de Cícero, se não é o fator que determinou o convencimento dos demais senadores, como pretendia Cícero na carta a Ático, é certamente um dos fatores que contribuiu para tal — o que é condizente, de resto, com o relato de que a maior parte dos senadores acompanhara Cícero a sua casa naquela noite, episódio célebre a que Patérculo alude muito concisamente [...*maiorque pars ordinis eius Ciceronem prosequerentur domum*, “a maior parte dessa Ordem acompanhou Cícero até sua casa”]²¹.

²⁰ Note-se o contraste com o protagonismo de Catão em *Sest.* 61, apontado acima. Shackleton Bailey 1971: 34, em contrapartida, admite a hipótese da correção do relato da carta ciceroniana: “But Cicero may have been right when he maintained in a letter to Atticus nearly twenty years later that Cato’s role was exaggerated in an account published by his nephew Marcus Brutus; and this account may be behind the tradition.”

²¹ Vell. 2. 35. 3-4. Não é impossível que Veleio conhecesse a carta de Cícero a Ático comentada acima (*Att.* 12. 21), se atentarmos ao argumento de Setaioli 1976, que questiona a *communis*

VII — Plutarco

O debate senatorial de 5 de dezembro aparece em três passos de Plutarco, nas *Vidas* de Cícero, César e Catão²². Os três relatos diferem apenas em ênfase, sendo os dados apresentados fundamentalmente os mesmos. Atentemos aos detalhes caso a caso.

Vida de Cícero

Dos 3 relatos da sessão senatorial na obra de Plutarco, o primeiro e mais completo é o da *Vida de Cícero*²³ (20. 4-21). Plutarco apresenta a interação entre diversos oradores: a proposta de Silano, a pena máxima (20. 4); a proposta de César, que apresenta uma diferença importante em relação à que vimos na quarta Catilinária: confiscação dos bens, sim, mas prisão apenas até que Catilina fosse derrotado (21. 1)²⁴; Plutarco aborda ainda, na ordem cronológica exata, a reação favorável ao discurso de César (21. 3) e o posicionamento de Cícero em relação a ele (21. 2); a reação negativa se dá com Cátulo e depois, enfim, com Catão (21. 4). A síntese que Plutarco faz do discurso de Catão é importantíssima para nosso confronto: segundo o biógrafo, esse discurso se apoiou fortemente nas suspeitas que havia do envolvimento de César na conjura, o que teria provocado uma reação de cólera e coragem nos senadores, que votaram pela pena de morte. Plutarco é o único, dentre as fontes, a relatar que César se opôs à confiscação dos bens quando sua proposta foi derrotada, alegando ser indigno que se rejeitasse o lado humano de sua proposta e se mantivesse o mais severo (21. 5). Embora não tenha tido sucesso ao pedir o veto dos tribunos, sua pressão fez que Cícero cedesse e voltasse atrás nesse ponto (21. 5).

opinio de que a correspondência de Cícero só teria acontecido no principado de Nero.

²² Plut. *Cic.* 20. 4-21; *Caes.* 7. 6-8. 3 e *Cat. Min.* 22. 4-23. Para a apresentação da conjuração como um todo em Plutarco, cf. Pelling 1985; para a questão do método das quatro vidas plutarquianas que abordam a conjuração de Catilina (ou seja, as três aqui apresentadas mais a *Vida de Crasso*), Pelling 1985: 318-319 observa: “[...] the four accounts are strikingly similar in their language and their narrative articulation. This is clearest in their final versions of the debate [...]. Plutarch is too good an artist to repeat his exact words, but he often comes very near to it. It is not just the close verbal parallels; it is the organization and articulation of the whole narrative. These accounts could not have been written independently.”

²³ Pelling 1985: 315 postula duas fontes para o relato plutarquiano do debate e suas consequências (*Cic.* 20. 4-23. 6): o *περί ύπατειας* de Cícero, que não chegou até nós, e uma segunda fonte, não definida, que seria responsável pelo papel preponderante de Catão no debate — na tradição talvez iniciada pelo *Catão* de Bruto, podemos acrescentar, hipótese de Shackleton Bailey citada acima (n. 20).

²⁴ Pelling 1985: 315, n. 14 oferece duas possibilidades de explicação para tal diferença: “Suet. *Div. Iul.* 14 seems to derive from the same source as Plutarch [...], and he does not mention the possibility of the case being re-opened. It is possible that Plutarch confuses Caesar’s proposal with that of Ti. Claudius Nero, which he omits [...]; it is just as likely that he first misinterpreted his source’s account of Caesar’s proposal — then discovered he had no logical space for Nero’s.”

Vida de César

Na *Vida de César*, Plutarco, previsivelmente²⁵, confere espaço sobretudo à participação de César no debate senatorial. Qualifica seu discurso como cuidadosamente preparado (7. 8), humano e eficaz (8. 1), e explicita o seu teor, mencionando novamente a prisão temporária em vez de perpétua (7. 9). Por outro lado, amplia a exposição, deixando claras as motivações alegadas por César: punir os conjurados com a morte seria não apenas injusto, mas também contrário à tradição ancestral, salvo em caso de extrema necessidade, já que se tratava de homens de prestígio e nobreza, que não haviam tido a oportunidade de um processo regular (7. 8); deveriam eles ficar aprisionados nas cidades itálicas, então, até a derrota de Catilina, quando, em paz e com calma, a deliberação seria mais adequada (7. 9).

A reação, como no relato anterior, é que os oradores sucessivos o seguiram, e mesmo quem já havia discursado voltou atrás, até que chegou a vez de Catão e Cátulo (8. 1). Destes, Plutarco destaca a violência de sua oposição e, no caso do Uticense, a ênfase na suspeita sobre o envolvimento de César na conjuração (8. 2).

Vida de Catão

Na *Vida de Catão*, como também era de se esperar, a ênfase maior é na participação de Catão no debate e no teor de seu discurso, embora Plutarco introduza detalhes sobre o discurso de César que não aparecem nos outros dois relatos. Qualifica o discurso de César como persuasivo e humano (22. 5), sua proposta, como branda (23. 1), e aponta que o Senado reagiu com medo da reação popular, mudando de proposta (22. 6). Plutarco aponta então que Catão se levantou e fez um discurso irado e veemente, repreendendo Silano por voltar atrás e César por esconder suas verdadeiras intenções com discursos populistas e humanos (23. 1); disse ainda que sua intenção era subtrair inimigos públicos à justiça, e, muito importante para o confronto com Salústio, Plutarco observa que o fez de maneira clara, aberta (23. 2).

VIII — Suetônio

Na *Vida de César*²⁶, Suetônio fala do episódio da sessão senatorial no contexto da carreira de César, então pretor designado. O biógrafo aponta, primeiramente, que César foi o único a defender a prisão perpétua pelos municípios e a confiscação dos bens dos prisioneiros. Em segundo lugar, e mais importante para nós, observa que incutiu tanto medo naqueles que advogavam penas mais

²⁵ Pelling 1985: 323-325 enuncia três critérios alternativos para a seleção de material em Plutarco: 1) o foco no caráter do biografado; 2) a busca do material mais favorável a este; e 3) a ênfase em diferentes interesses segundo a *Vida* escolhida.

²⁶ Suet. *Jul.* 14.

severas, com a menção da invidia que isso provocaria na plebe romana, que Silano não hesitou em voltar atrás, apenas reinterpretando sua proposta, para não se submeter ao vexame de mudá-la. Suetônio conclui sua breve exposição dizendo que César teria conseguido fazer aprovar sua proposta, não fosse a intervenção de Catão para um Senado vacilante.

IX — Apiano

O relato de Apiano²⁷ interessa para nossa comparação por apresentar de maneira mais completa a sequência dos oradores na sessão senatorial e a importância de cada um²⁸. Assim, o historiador relata que Silano propôs a pena extrema (2. 5. 19); que Nero sugeriu manter os conspiradores presos até a derrota de Catilina, quando as informações seriam mais precisas (2. 5. 19)²⁹; que César sugeria a prisão dos conjurados espalhados pelas cidades da Itália até que se derrotasse Catilina, que não se tomassem decisões irrevogáveis sobre homens nobres antes de um processo regular (2. 6. 20). Tal como Plutarco, Apiano não fala em prisão perpétua, ao contrário das demais fontes. Apiano relata então a reação ao discurso de César: tratando-se de uma proposta justa, foi bem recebida e muitos mudaram inteiramente de parecer, até a proposta de Catão (2. 6. 21). O historiador dá como teor do discurso de Catão apenas a exposição aberta (tal como em Plutarco) da suspeita contra César (2. 6. 21). Curiosamente, Apiano coloca Cícero, junto com Catão, como um dos provocadores da mudança, embora saibamos que a fala de Cícero aconteceu antes da de Catão (2. 6. 21).

X — O debate em Salústio

Disposição: o arranjo do debate no *Bellum Catilinae*

Ao abordar o debate senatorial de 5 de dezembro, Salústio atem-se ao absolutamente essencial no que se refere ao número de participantes: começa, em *Cat.* 50. 4, apresentando a proposta do cônsul designado Décimo Silano, que abrisse o debate pedindo o supplicium dos conjurados sob custódia e de mais quatro outros, ainda em liberdade³⁰; observa, em seguida, que Silano mudara de opinião depois da fala de César, adotando então a proposta de Tibero Nero, que advogava o adiamento da deliberação até que se aumentasse

²⁷ App. B.C. 2. 5. 18-6. 22.

²⁸ Drummond 1995: 24, no entanto, questiona o valor histórico do relato de Apiano, qualificando-o como “virtually worthless”.

²⁹ Sobre o momento em que Tibério Nero teria discursado, controverso, cf. n. 12, acima.

³⁰ Sall. *Cat.* 50. 4 “Então Décimo Silano, o primeiro a quem se solicitou o parecer, por ser na época cônsul designado, propusera a pena capital para os que eram mantidos sob custódia e, além disso, para Lúcio Cássio, Públio Fúrio, Públio Umbreno, Quinto Ânio, caso fossem capturados”. Todas as traduções do *Bellum Catilinae* são tomadas a Scatolin 2018.

o número de guardas³¹. Nos dois capítulos seguintes, *Cat.* 51-52, Salústio apresentará a reconstrução dos discursos de César, que advogava prisão perpétua, confisco dos bens e distribuição dos prisioneiros pelos municípios mais poderosos da Itália; e de Catão, que advogava a pena de morte e acabara sendo a proposta adotada pelo Senado. Se o teor dos discursos de Silano e de Tibério Nero é apontado brevemente em *Cat.* 50, o discurso de Cícero, correspondente à quarta Catilinária, e a intervenção de Cátulo são omitidos do relato e do debate.

Do ponto de vista da disposição, ou seja, do arranjo do material selecionado, como podemos entender o recorte operado por Salústio? (1) Em primeiro lugar, há a convenção do gênero: quando apresentavam debates e discursos em confronto, os historiadores quase sempre atinham-se a dois participantes, mais raramente, três³². Apresentar na sequência, assim, os discursos de Silano, César, Cícero, Tibério Nero, Cátulo e Catão estava descartado de antemão³³; (2) complementarmente, Salústio busca imitar um dos seus grandes modelos, Tucídides³⁴, espelhando os papéis de César e Catão nos de Diódoto e Cléon, no debate sobre os mitileneus, em 3. 36-49; (3) ainda que Salústio estivesse disposto, porém, a transgredir a mencionada praxe genérica e a desconsiderar o modelo tucidideano, a profusão de debatedores seria muito pouco funcional na economia da obra: o discurso inicial de Silano, o discurso de Cícero, após as exposições de Silano e César, e o discurso de Catão defendiam todos, fundamentalmente, a mesma ideia, a pena de morte para os conjurados. Apresentá-los todos em sequência seria altamente redundante, e mais ainda numa obra que se caracteriza particularmente pela brevidade e, na famosa expressão de Quintiliano, por sua *immortalis uelocitas*³⁵;

³¹ Sall. *Cat.* 50. 4: “[...] depois, influenciado pelo discurso de Gaio César, [sc. Silano] afirmou que votaria pela proposta de Tibério Nero, que julgara que se devia aumentar o número de guarnições antes que o caso fosse submetido a deliberação.”

³² Cf. Marincola 2007: 127.

³³ Stone 1999: 64 faz a fina observação de que mesmo a omissão de Cícero de 48. 4 a 54. 6 não pode ser usada como indício de viés anticiceroniano: “Whether Cicero is mentioned or not mentioned in the course of these chapters, the tendency is always the same: to exculpate him from any charge of abuse of power”. Sobre a postura imparcial de Salústio em relação a Cícero, cf. também Broughton 1936.

³⁴ Como bem aponta Drummond 1995: 51: “[...] the Thucydidean influence extends beyond the adaptation of individual motifs in the speeches of Caesar and Cato to the entire structuring of Sallust’s account, relentlessly focusing attention on the two contrasting speeches and thereby transforming the debate into one central conflict of argument and personality.”

³⁵ Cf. Quint. 4. 2. 45; 10. 1. 32 (*brevitas*) e 10. 1. 102 (*immortalis uelocitas*); e Mariotti 2007: 548: “Sallustio non ricorda [...] il discorso tenuto dal console dopo l’intervento di Cesare [...]: restringe il dibattito all’essenziale e riserva tutta l’attenzione ai due punti di vista opposti di Cesare e Catone, ingigantandone la portata [...]. Realizza così un suo ideale di concentrazione artistica e si conforma a insigni suggestioni letterarie [...], ma segue anzitutto un sano criterio di giudizio storico e politico, perché in quel discorso Cicerone si limitò a riaffermare orgogliosamente i suoi meriti e il più completo ossequio alla volontà de senato, e al senato lasciò intera la responsabilità di una decisione che non era disposto ad accollarsi in proprio.”

(4) outro empecilho para uma versão mais completa do debate na monografia é o fato de que Cícero já havia publicado a quarta *Catilinária* na década de 60. Seria absolutamente impensável que Salústio reescrevesse ou reelaborasse um discurso tão célebre³⁶ — sobretudo fazendo uso de uma elocução completamente avessa ao *modus scribendi* ciceroniano³⁷. Na verdade, é possível argumentar que a quarta *Catilinária* de Cícero encontra-se indiretamente no debate da monografia, como fonte de Salústio para o discurso de César e como pano de fundo e base de confronto intertextual para o leitor contemporâneo³⁸; (5) a escolha das propostas de César e Catão é funcional, também, na economia do *Bellum Catilinae*, por conta das características opostas e complementares dos dois oradores do ponto de vista moral, que está na base da concepção da monografia e que será explicitado na célebre comparação ou síncriese entre os dois, no capítulo 54; e

Discordamos do comentador apenas num detalhe: se a *Catilinária* 4, como texto apologético que é, procura isentar Cícero da responsabilidade pela decisão, atribuindo-a ao Senado, não há dúvida sobre o posicionamento do Arpinate favorável ao parecer de Silano. De fato, deste faz apenas a exposição do parecer (*Cat.* 4. 7); de César, expõe e critica a *sententia* (*Cat.* 7 *in fine*; 10). Cf. Hardy 1917: 216: “[...] though he [sc. Cicero] praised Caesar’s attitude, it was the faint praise which damns, and his grotesquely exaggerated picture, utterly unjustified by the evidence which he had produced, can only have been intended to drive the senate into the severest course.”

³⁶ Cf. Brock 1995: 209: “[...] ancient historians as a general rule avoided treating in direct speech those orations which were accessible to the reading public”; 217: “One possible explanation for not including published speeches in their original form is that it would have been a pointless duplication of effort, another that it violated a norm of stylistic homogeneity, a third, that it was plagiarism”; 219: “[...] the best explanation of the phenomenon as a whole seems to be in literary and generic terms; this observation can be added to our awareness of the generic conventions of ancient historiography, and can serve to remind us once again that its authors were moved as much by literary considerations as by any commitment to historical truth and its recording.”

³⁷ Cf. O’Gorman 2007: 380: “In terms of style Sallust is above all understood as anti-Ciceronian. Although a contrast with Livy’s historical narrative might seem preferable to turning to oratory, nevertheless we must remember that, first, Sallust was for centuries read against the Ciceronianism which shaped the reading and writing of Latin, and, secondly, that Sallust himself formulated his mode of writing in reaction to the famous orator.”

³⁸ Cf. McGushin 1977: 8: “[...] Sallust’s main source was probably the writings of Cicero”; March 1989: 226: “His main source was undoubtedly Cicero himself, and his work echoes Cicero in many places”; Ramsey 2007: 8-9: “Cicero’s consular orations were revised and in circulation within a few years after he left office. The influence of the four *Catilinarians* may be detected here and there in S. [...]”; Marincola 2010: 279-286 aborda a intertextualidade no debate, mais especificamente os *exempla* dos dois oradores, mas não menciona nenhum passo de confronto com Cícero. Lintott 2013: 161, *ad* Plut. *Cic.* 21. 2-3, chega a questionar se a segunda parte da quarta *Catilinária* teria sido efetivamente proferida: “Plutarch here summarizes Cic. *Cat.* 4. 7-11, but ignores the preference expressed there for the death penalty. Such an intervention in the debate was ignored by Sallust [*Cat.* 52. 1] and apparently before him by Brutus in his biography of Cato, which, to Cicero’s disgust, played down his own part [*Cic. Att.* 12. 21. 1]. However, Cicero objects in this letter to the omission, not of a speech by him in the course of the debate, but of the fact that he gave a clear line for the senate to follow *before* he referred the matter to them. This calls into question whether *Cat.* 4. 7-24 was ever in fact delivered [...]”

(6), por fim, não se pode esquecer que a escolha dos dois era particularmente feliz, também, na época da escrita do *Bellum Catilinae*, apresentando fortes reverberações no leitor contemporâneo pelo confronto entre os dois na Guerra Civil³⁹.

INVENÇÃO: A SELEÇÃO DO MATERIAL DE CADA DISCURSO

O discurso de César tal como apresentado por Salústio apresenta algumas diferenças importantes e significativas em relação às demais fontes. Em relação a Cícero, a diferença mais importante reside no fato de que a caracterização da proposta de César como severa, presente na quarta Catilinária e na carta a Ático de quinze anos depois, dificilmente se aplicaria ao César salustiano. Pelo contrário, há vários motivos para que a percepção do leitor seja a oposta, ou seja, a de um discurso brando: (1) o apelo do César salustiano, principalmente no exórdio de seu discurso, à ausência de paixões na tomada de decisão⁴⁰; (2) o apelo indireto, oblíquo do César salustiano à misericórdia⁴¹; (3) a caracterização do César salustiano como misericordioso⁴², na comparação com Catão feita em *Cat.* 54; (4) o contraponto, acentuado pelo número de oradores restrito a dois, ao discurso enérgico e rigoroso do Catão salustiano⁴³; (5) e, claro, a própria lembrança da política de clemência e misericórdia adotada por César durante e após a Guerra Civil.

Em relação a Suetônio, a divergência diz respeito ao efeito do discurso do César salustiano sobre seus colegas senadores. Para Suetônio, como vimos, o discurso de César teria provocado, nos senadores, enorme medo da reação posterior do povo contra a severidade da punição. Em si, isso não é incongruente com a apresentação de Salústio, já que o César salustiano faz observações nesse sentido⁴⁴. (1) No entanto, a maneira calma, prudente e argumentativa do discurso não condiz com uma reação emotiva tão forte como a descrita por Suetônio; e (2) a própria reação ao discurso de César tal como apresentada no *Bellum Catilinae* é diversa: em lugar do medo suetoniano, Salústio refere, com extrema concisão,

³⁹ Salústio escreve certamente depois dos Idos de Março, logo, depois da morte dos dois protagonistas do debate, como se depreende do verbo no passado (*fuere*) utilizado para caracterizar tanto Catão como César, em *Cat.* 53. 6.

⁴⁰ Sall. *Cat.* 51.1-4; 7; 13-14; 18.

⁴¹ Repare-se na sutileza da sugestão indireta da *misericordia*. Na *insinuatio* de 51. 1, César defende que se tome a decisão livre de paixões em geral, em pares de opostos, *odium x amicitia* e *ira x misericordia*. Em 51. 13, porém, o orador retira a misericórdia das paixões a serem evitadas, apresentadas agora por infinitivos: *studere x odisse*, mas... *irasci* sem par opositivo!

⁴² Sall. *Cat.* 54. 2: “Aquele [sc. César] tornou-se célebre pela brandura e misericórdia”.

⁴³ O contraste é explicitado na ironia de Catão em relação à proposta de César, em 52. 27: “que essa vossa brandura e misericórdia não se transforme em miséria, se [sc. os conjurados] pegarem em armas!”

⁴⁴ Sall. *Cat.* 51. 12-15.

apenas uma reação oral variada⁴⁵, muito distante, portanto, da reação emotiva descrita por Suetônio⁴⁶.

Plutarco oferece, nas três biografias em que aborda o debate, três versões diferentes, mas complementares, para a recepção do discurso de César. (1) Na Vida de Cícero, a ênfase recai sobre a sensatez da proposta e a habilidade do orador. Aqui, Plutarco está preocupado apenas com o impacto do discurso de César sobre Cícero, que, em sua quarta Catilinária, dera grande importância a sua proposta; (2) na Vida de César, Plutarco enfatiza a humanidade da proposta e a eloquência de César. Isso é condizente, é claro, com o aspecto moral de sua apresentação e sua ênfase no biografado; e (3) na Vida de Catão, enfim, Plutarco enfatiza, à maneira de Suetônio, o medo do povo que o discurso de César provocara nos demais senadores. Plutarco aponta em detalhe a resposta de Catão, que é enérgica e invectiva contra César.

Das três versões plutarquianas, as duas primeiras, que dão conta da sensatez da proposta, da habilidade oratória de César e de sua humanidade, são perfeitamente condizentes com o discurso do César salustiano. A terceira, a do medo, não é condizente pelos motivos observados no confronto com Suetônio.

O discurso de Catão tal como apresentado em Salústio apresenta duas grandes divergências em relação aos demais relatos: (1) a invectiva contra César e (2) a referência ao papel e ao discurso de Cícero.

(1) A invectiva contra César está presente em boa parte de nossas fontes. Encontra-se de maneira indireta em Veleio Patérculo, pelo fato de o historiador ter evitado sequer nomear César, como observado, apresentando a proposta do orador como proveniente de “outros”. Na mesma linha, quando parafraseia o teor do discurso, Patérculo fala da maneira inflamada como Catão lançou suspeitas sobre “todos” os que advogavam a brandura. Nas três versões de Plutarco, o biógrafo aponta o modo veemente do discurso de Catão e a invectiva contra César. Na versão da Vida de Catão, o biógrafo oferece uma longa paráfrase do discurso do Uticense: nela vemos o ataque à política popular de César, apresentada como demagógica, e à maneira de César discursar; as suspeitas que a posição de César causa nele, Catão; a observação da contradição entre sentir piedade e compaixão pelos conjurados e não por Roma. A versão de Apiano é bastante concisa, como visto: o teor do discurso de Catão é parafraseado apenas como uma revelação

⁴⁵ Sall. *Cat.* 52. 1: “Depois que César terminou seu discurso, os demais puseram-se a expressar sua concordância com um ou outro, de maneira diversa.”

⁴⁶ A reação ao discurso de Catão (53. 1), em contrapartida, pode ser caracterizada como uma explosão emotiva por parte dos senadores: “Depois que Catão se sentou, todos os consulares e, do mesmo modo, grande parte do Senado, elogiam sua proposta, exaltam aos céus sua bravura, censuram uns aos outros de covardes. Catão é considerado ilustre e grandioso; aprova-se o decreto do Senado tal como propusera.”

clara e aberta das suspeitas do orador contra César.

O discurso do Catão salustiano, em contrapartida, apesar de enérgico e patético, apresenta a suspeita contra César não de maneira veemente ou mesmo evidente, mas apenas indireta, no momento em que Catão refuta a proposta de distribuir os prisioneiros pelos municípios italianos (52. 16): “Por isso, não há dúvida de que este conselho é vão se teme algum perigo da parte deles; se, em meio a tamanho temor generalizado, apenas ele não tem medo, tanto mais é importante que eu tema por mim e por vós” (itálico nosso). A crítica ao modo de discursar de César, que se vê em Plutarco, aparece nesse mesmo passo, um pouco antes, e também de maneira concisa, discreta, indireta e irônica (52. 13): “Gaio César, há pouco, discursou bem e com arte, nesta Ordem, acerca da vida e da morte, julgando falso, creio eu, o que se conta das regiões infernais: que os maus, seguindo caminho diverso dos bons, deparam com lugares hediondos, repugnantes, terríveis e temíveis” (itálico nosso). É possível especular que Salústio tenha feito essa atenuação das críticas a César no discurso de Catão por parcialidade, em deferência ao ditador, mas isso não me parece muito provável, uma vez que o próprio narrador, antes do debate, já descartara como infundadas e como fruto de intrigas de inimigos as tentativas de incriminar César na conjuração⁴⁷. Com essa ressalva, mesmo que o Catão salustiano insistisse com veemência nas suspeitas contra César, o leitor já estaria premunido e devidamente informado. A meu ver, a motivação da seleção operada por Salústio parece ser outra: uma ênfase muito grande nessas suspeitas sobre as motivações e, em última instância, o caráter de César, arruinaria o confronto de virtudes opostas que observamos na síncri-se do capítulo 54.⁴⁸

(2) A referência ao papel e ao discurso de Cícero tem grande ênfase, como seria de se esperar, no próprio Cícero, na carta a Ático que analisamos. Mesmo desconsiderando o seu testemunho, porém, é preciso observar que outras fontes dão conta da referência a Cícero no discurso de Catão. Veleio Patérculo, por exemplo, enfatiza como uma das linhas-chave do discurso de Catão um elogio às

⁴⁷ Sall. *Cat.* 49. Cf. Vretska 1937: 213: “Die Angriffe auf Caesar bei seinem Weggehen waren in diesem Zusammenhang unbrauchbar, sie werden vorgezogen”; Last 1948: 362-363: “Notoriously, though he [sc. Sallust] makes mistakes, and among them one which possibly enures in some small degree to the benefit of Caesar [...], his account of the Catilinarian affair does not differ from that to be got from Cicero in any respect which would raise a suspicion that he was distorting the course of events or suppressing awkward facts in the interest of a thesis” (podemos observar, porém, que só é possível falar em erro quando se restringe a narração ao âmbito meramente histórico, descartando considerações de ordem retórico-literária); e MacKay 1962: “[...] we may still wonder whether those Romans who in 42 or 41 could swallow or applaud Caesar’s actions going back to 63, or whether those who disapproved of Caesar’s later career would think this ancient and infirm accusation added much to the enormity of his actions.”

⁴⁸ Cf. a explicação complementar de Drummond 1995: 74: “In view of our evidence that probably represents a significant toning down of the original: it was not the personal hostility of the two men that Sallust’s version sought to exemplify but their equal claims to *virtus*.”

virtudes do cônsul; em Apiano, a posição vencedora é apresentada como advinda da ação conjunta de Catão e Cícero.

O discurso do Catão salustiano, em contrapartida, sequer menciona o nome de Cícero⁴⁹. Ademais, em vez de louvar a virtude do cônsul, como no relato de Patérculo, o Catão salustiano faz uma contraposição forte entre sua própria postura, virtuosa, grave, rígida, sem concessões, e a de todos os outros senadores⁵⁰. Tal como no caso da atenuação da invectiva a César, é possível argumentar que a ausência da figura de Cícero no discurso catoniano deve-se à parcialidade de Salústio. No entanto, também aqui a explicação mais provável parece residir na coerência interna do discurso de Catão tal como construído pelo historiador. Apresentar um elogio à virtus de Cícero arruinaria a construção ética do discurso de Catão, pautada fortemente na diferença com todos os demais senadores, e, talvez mais importante ainda, tiraria boa parte da força da síncrise do capítulo 54.⁵¹

CONCLUSÃO

O entendimento da construção da sessão senatorial de 5 de dezembro de 63 a.C. operada por Salústio em seu *Bellum Catilinae* deve passar por um exame das demais fontes antigas que abordam o tema, de um lado, e pela consideração das necessidades internas da própria obra, de acordo com os critérios salustianos, de outro. As demais fontes apresentam uma gama de possibilidades verossímeis de apresentação; destas, apenas parte mostrava-se condizente com o projeto

⁴⁹ Curiosamente, o caráter de Cícero é elogiado no discurso de César, em 51. 19.

⁵⁰ Ao *uos* de 52. 5, por exemplo, relativo aos senadores indistintamente, apresentados como entregues aos prazeres e às casas, vilas, estátuas e pinturas, contrapõe-se o *ego* de 52. 7, censurador dos vícios alheios.

⁵¹ Com nossa hipótese, responderíamos à questão de maneira diferente da suposição de Last 1948: 363, que duvida da parcialidade de Salústio por outro motivo, a dizer, Salústio não teria tido necessariamente acesso à versão estenografada dos discursos: “There is only one point at which it is possible that Sallust laid himself open to conviction of tendentious misrepresentation; and there the suspicion cannot be confirmed. Velleius and Plutarch suggest that Cato’s speech in the Senate on 5 December contained remarks which cast doubt on Caesar’s loyalty; and no such remarks appear in the speech which Sallust puts into Cato’s mouth [...]. Now we know that Cicero had a team of members ready to take notes during the meeting of the Senate on 3 December, and it is not impossible that a similar lot was at work two days later: Plutarch at least records a story that the speech delivered by Cato on 5 December was the only one of his preserved — and that because Cicero had taken it down. If a full version of this had been readily accessible, and if it contained aspersions on Caesar, then by suppressing these offensive passages Sallust would have exposed himself to a very considerable risk of detection. But that a complete and authentic text of Cato’s remarks was available is for various reasons a somewhat rash assumption; and unless such a text was available, there is no place of which we know where Sallust laid himself open to documentary proof that he had suppressed or garbled evidence detrimental to Caesar which could easily be verified.” O pressuposto parece contraditório, já que, seguindo a sua linha, tampouco Veleio ou Plutarco teriam acesso, direto ou indireto, a documentação tão escassa.

moralizante da monografia de Salústio e com seu *modus scribendi* conciso e veloz. Assim, apresentar uma reconstrução do debate inteiro era incompatível com a praxe historiográfica em geral e com a escrita rápida e concisa de Salústio em específico; reelaborar o discurso de Cícero era, igualmente, incompatível com a praxe do gênero, de um lado, e com a elocução salustiana, de características fortemente anticiceronianas, de outro; dar grande ênfase às suspeitas levantadas por Catão sobre César, como apontado por várias fontes e, verossimilmente, presente no discurso efetivamente proferido em 5 de dezembro, colocaria em risco a apresentação de César e de Catão como os dois grandes homens virtuosos da época, observada na síncri-se do capítulo 54: em primeiro lugar, por apontar supostos vícios de César; em segundo lugar, por pressupor uma atitude viciosa do próprio Catão, já que, antes mesmo da apresentação do debate, o narrador já desmentira as acusações de participação na conjura feitas a César, atribuindo-as a inimizade e ódio pessoal. Igualmente, o elogio a Cícero que se vê em algumas fontes talvez fosse mais preciso do ponto de vista histórico, mas certamente arruinaria, uma vez mais, a apresentação de César e de Catão como os dois grande homens virtuosos da época. Por fim, a reação fortemente emotiva ao discurso de César, que vemos em Plutarco e Suetônio, não seria condizente com o ethos do César salustiano, pautado na crítica à submissão às paixões, positivas ou negativas, nas tomadas de decisão. Novamente, podemos dizer que talvez isso seja menos verídico do ponto de vista histórico, mas mais coerente do ponto de vista do conjunto da monografia, já que a postura contra as paixões do César salustiano espelha, de certa forma, a posição do próprio Salústio, no prólogo da obra⁵².

⁵² Sall. *Cat.* 1.

BIBLIOGRAFIA

- Brock, R. (1995), "Versions, 'Inversions' and Evasions: Classical Historiography and the 'Published' Speech", *PLILS* 8: 209-224.
- Broughton, T. R. S. (1936), "Was Sallust Fair to Cicero?", *TAPhA* 67: 34-46.
- Cape, Jr. R. (2002), "Cicero's Consular Speeches", in J. J. May (ed.), *Brill's Companion to Cicero — Oratory and Rhetoric*. Leiden, Boston & Köln, 113-158.
- Drexler, H. (1976), *Die Catilinarische Verschwörung — ein Quellenheft*. Darmstadt.
- Drummond, A. (1995), *Law, Politics and Power — Sallust and the Execution of the Catilinarian Conspirators*. Stuttgart.
- Dyck, A. (2008), *Cicero. Catilinarians*. Cambridge.
- Gabba, E. & Magnino, D. (2001), *Appiano. La Storia Romana. Libri XII-XVII. Le guerre civili*. Torino.
- Hardy, E. G. (1917), "The Catilinarian Conspiracy in Its Context: A Re-Study of the Evidence", *JRS* 7: 153-228.
- Hose, M. (1994), *Erneuerung der Vergangenheit — die Historiker im Imperium Romanum von Florus bis Cassius Dio*. Stuttgart & Leipzig.
- Lachenaud, G. & Coudry, M. (2014), *Dion Cassius. Histoire Romaine. Livres 36 & 37*. Paris.
- Last, H. (1948), "Sallust and Caesar in the 'Bellum Catilinae'", in *Mélanges de philologie, de littérature et d'histoire anciennes offerts à J. Marouzeau par ses collègues et élèves étrangers*. Paris, 356-369.
- Lintott, A. (2013), *Plutarch: Demosthenes and Cicero*. Oxford.
- MacKay, L. A. (1962), "Sallust's Catiline: Date and Purpose", *Phoenix* 16: 181-194.
- March, D. A. (1989), "Cicero and the 'Gang of Five'", *CW* 82: 225-234.
- Marincola, J. (2007), "Speeches in Classical Historiography", in J. Marincola (ed.), *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford, 118-132.
- Marincola, J. (2010), "The Rhetoric of History: Allusion, Intertextuality, and Exemplarity in Historiographical Speeches", in D. Pausch (ed.) *Stimmen der Geschichte — Funktionen von Reden in der antiken Historiographie*. Berlin & New York, 259-289.
- Mariotti, I. (2007), *Gaio Sallustio Crispo. Coniuratio Catilinae*. Bologna.
- Martinet, H. (1997), *C. Suetonius Tranquillus. Die Kaiserviten, De vita Caesarum — Berühmte Männer, De viris illustribus*. Düsseldorf & Zürich.
- McGushin. (1977), *C. Sallustius Crispus. Bellum Catilinae: A Commentary*. Leiden.

- Mendonça, A. da S. & da Fonseca, I. B. B. (2006), *César por Suetônio e Plutarco*. São Paulo.
- Miller, N. P. (1975), “Dramatic Speech in the Roman Historians”, *G&R* 22: 45-57.
- O’Gorman, E. (2007), “The Politics of Sallustian Style”, in J. Marincola (ed.), *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford, 379-384.
- de Pinho, S. T. (1974). Cícero. As Catilinárias. in A.A.V.V. *Cícero. As Catilinárias, Defesa de Murena, Defesa de Árquias, Defesa de Milão*. Lisboa & São Paulo.
- Ramsey, J. T. (2007), *Sallust’s Bellum Catilinae. Second Edition*. Oxford.
- Scatolin, A. (2018), *Salústio. A Conjuração de Catilina*. São Paulo.
- Shackleton Bailey, D. R. (1971), *Cicero*. London.
- (1966), *Cicero’s Letters to Atticus. Vol. V (48-45 B.C.), 211-354 (Books XI to XIII)*. Cambridge.
- Setaioli, A. (1976), “On the date of publication of Cicero’s Letters to Atticus”, *SO* 51: 105-120.
- Stone, M. (1999), “Tribute to a Statesman: Cicero and Sallust”, *Antichthon* 33: 48-76.
- Várzeas, M. (2010), *Plutarco. Vidas Paralelas*. Coimbra.
- Vretska, K. (1937), “Der Aufbau des *Bellum Catilinae*”, *Hermes* 72: 202-222.
- (1976), *Sallust. De Catilinae coniuratione*. Heidelberg.
- Yardley, J. C. & Barrett, A. A. (2011), *Velleius Paterculus — The Roman History*. Indianapolis & Cambridge.